

PARÓDIAS DE UM ESPETÁCULO: NOTAS DE UMA 'PERFORMANCE TRAVESTI' NO RECÔNCAVO DA BAHIA

Júlio César Sanches¹

“Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente.”
Martin Heidegger

Resumo: O seguinte trabalho pretende discutir os gêneros a partir do conceito de performatividade de gênero em Judith Butler. A sexualidade como um dos elementos formadores das identidades culturais é compreendida como território da normalização e regulação, sendo o corpo objeto primordial das normas regulatórias que inscrevem os sexos e os gêneros na inteligibilidade cultural. Numa perspectiva queer, analisaremos uma performance travesti nos festejos populares da cidade de Cachoeira – Bahia para abordar o papel ficcional das performatividades de gênero. Com isso, pretendemos destacar a aparência como elemento da subversão e a paródia como enfrentamento político da pós-modernidade.

Palavras-chave: performatividade, aparência, subversão, travesti, corpo.

Corpos performáticos no Recôncavo da Bahia

A cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, é reconhecida pelas suas manifestações culturais: A festa da Irmandade da Boa Morte, Festa D’ajuda e os festejos da independência da Bahia em 25 de Junho de todos os anos. Nesses cenários etnocenológicos² encontramos os gêneros como expressão performativa, sejam elas heterossexuais ou homossexuais. São nas ruas da cidade que se configuram os personagens dos festejos cívicos e culturais.

A ‘cena’ constituída pelos festejos permite a construção imagética de sujeitos que estão à frente das fanfarras, neste caso, as balizas. Elas/eles surgem como maestrinas corporais das bandas. Comandam a música com sua dança; e seu corpo transmite um vocabulário espetacular de aparição social (BIÃO, 1999). Em Cachoeira, essa aparição está ligada diretamente à homossexualidade, já que a maioria dos balizas

¹ Graduando do curso de Comunicação social com habilitação em jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), integrante do grupo de pesquisa Corpo e Cultura. Bolsista de políticas afirmativas da PROPAAE/UFRB juliocesar_black@yahoo.com.br

² Armindo Bião compreende que o estudo da etnocenologia “(...) tem como objeto os comportamentos humanos espetaculares organizados, o que compreende as artes do espetáculo, principalmente o teatro e a dança, além de outras práticas espetaculares não especificamente artísticas ou mesmo sequer extracotidianas” (BIÃO, 1999, p.15). Dessa forma, entendemos as manifestações culturais como objeto de análise etnocenológica.



são homossexuais jovens. Com isso, existe um flerte entre a homossexualidade e as comemorações cívicas e culturais da cidade.

No ano de 2009 um corpo travesti participou como baliza acrobática da fanfarra São José, da cidade de Santo Amaro, também do Recôncavo da Bahia. A essa pessoa³ travesti daremos o nome fictício de Pâmela. Na apresentação da Fanfarra, Pâmela instaurou diversas circunstâncias perceptivas e performativas nos espectadores da cidade, reelaborando discursos sobre o corpo, gênero e a aparência.

A apresentação da baliza acrobática Pâmela proporcionou a realização de diversas fotografias que ainda não foram divulgadas⁴. A partir dessa produção, realizaremos questionamentos e inquietações que serão expostos em *Paródias do Espetáculo: Notas de uma 'performance travesti' no Recôncavo da Bahia*⁵.

Identities Problemáticas

As identidades são construídas através de processos linguísticos/discursivos no interior das relações de poder. Apesar do caráter de *constructo* desse conceito, ele é *fixado* nos sujeitos como pertencentes à existência. Dessa forma, o existir socialmente ou culturalmente está associado diretamente ao papel das identidades. Como processo de 'produção dos sujeitos' as identidades se formam a partir dos conflitos de poder gerado pela diferença.

(...) é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como processo mesmo pelo qual *tanto* a identidade *quanto* a diferença (compreendida, aqui, como resultado) são produzidas (SILVA, 2009, p.76)

Assim, os atributos identitários são configurados pelas características do Outro. “identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2009, p.75). Conseqüentemente, a posição delimitadora das identidades torna os sujeitos estáticos perante as dimensões da experiência. “Ser homem” ou “ser mulher” cria fronteiras simbólicas que devem ser respeitadas pelo limite da identidade. E o jogo das

³ Michel Maffesoli argumenta que “a pessoa (*persona*) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio de diversas tribos de que participa. Mudando seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amiais) assumir seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*” (MAFFESOLI, 1998, p.108). Dessa forma, Pâmela exerce o papel de *persona* o que lhe diferenciaria do conceito de pessoa. Maffesoli considera *pessoa* os arquetipos que constituem os movimentos e criações coletivas. Para compreender a diferença *persona* e pessoa ver SANCHES, Júlio César & CIDREIRA, Renata Pitombo. O corpo é espetáculo: As *personas* e a estética contemporânea. In: Anais do X Seminário Internacional da Comunicação. Porto Alegre: PUC-RS, 2009.

⁴ As fotografias que fazem parte deste trabalho são de minha autoria e foram realizadas com autorização.

⁵ Agradeço aos professores Renata Pitombo Cidreira e Osmundo de Araújo Pinho pela orientação no grupo de pesquisa Corpo e Cultura, além do incentivo na produção deste trabalho.

identidades é perpassado por relações de poder que hegemonomizam determinadas características e às naturalizam por meios do poder/discurso.

A identidade como produto dialético do processo de diferença torna problemático o campo político e representacional do Outro. Nos contornos sociais, indivíduos e grupos emergem da luta pela igualdade. Como destacou Joan Scott (2005), a diferença, a hierarquia ou a naturalização das identidades engrossa o caldo político da exclusão, onde indivíduos e grupos entram em embate político, cultural e social buscando igualdade de direitos. A visibilidade das diferenças entre as identidades torna conflituosa a vida social e política. Ao mesmo tempo em que a diferença causa conflito, as identidades são problematizadas por ganharem o caráter definidor dos sujeitos. Uma identidade é ‘abraçada’ e consagrada como produto-sujeito, ou seja, “sou homossexual”, sou isso. “Indivíduos para os quais as identidades de grupo eram simplesmente dimensões de uma individualidade multifacetada descobrem-se totalmente determinados por um único elemento: a identidade religiosa, étnica, racial ou de gênero” (SCOTT, 2005, p.18).

O produto-sujeito faz com que a identidade reduza a capacidade experiencial dos sujeitos, limitando-os ao simples identificador identitário. O reducionismo do produto-sujeito implica no valor identitário dos corpos, além de impor uma lógica contraditória. O papel simbólico, político e discursivo das identidades “prendem” os sujeitos nas malhas linguísticas do cultural, demarcando os papéis sociais das identidades em objetos de discriminações sociais como xenofobia, homofobia, racismo e misoginia.

A identidade nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura (HALL, 2006, p.11-12).

Portanto, o conceito de identidade acorrentado pela visão essencialista ou naturalista dos atores sociais não compreende os processos intersubjetivos de intersecção e hibridização dos sujeitos. Assim, concordamos com Stuart Hall (2006) ao declarar que as identidades na contemporaneidade devem ser problematizadas quando mostradas como definidoras do sujeito. A identidade do sujeito sociológico deve ser superada por análises que contemplem a visão anti-essencialista.

As problemáticas da identidade demonstram como esse conceito não corresponde com as experiências atravessadas pelos atores sociais. Dessa forma, o conceito de *identificação* mesmo que cambiante e ambíguo é interessante por demonstrar as dinâmicas construtivas e formativas (ou até mesmo performativas) dos sujeitos.

Essa concepção [*identificação*] aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos (HALL, 2009, p.108) (grifo nosso).

Com isso, Hall compreende que os sujeitos são protagonistas dos processos de *identificação*. Esse processo fala “não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (HALL, 2009, p.109). Na *identificação*, as experiências vividas pelos sujeitos culturais são elementos fundamentais para a dinâmica do Ser. Deste modo, as sexualidades, raças e classes podem ser mediadas e vividas por espaços fronteiros, cambiantes. Michel Maffesoli também ressalta os aspectos que formalizam a *identificação* como cimento social da sociedade contemporânea.

Há o deslize de uma *lógica da identidade* para uma *lógica da identificação*. Aquela é essencialmente individualista, mas essa é muito mais coletiva. A cultura do sentimento é, portanto, a consequência da atração. Agregamo-nos segundo as ocorrências ou os desejos. É uma espécie de acaso objetivo que prevalece (Maffesoli, 1996, p. 38) (grifos do autor).

Nesses locais, onde as fronteiras simbólicas das identidades agem, podemos considerar a existência de experiências que desarticulem os embates ideológicos e políticos relativos à diferença. Coisa essa, que Homi Bhabha (1998) compreende como ‘*entre - lugar*’ da cultura. É nesses *entre - lugares* que os saberes e as práticas devem ser analisados como produto políticos dos subalternos e estigmatizados da sociedade ocidental.

No complexo contexto de *identificações*, os *entre - lugares* possuem o papel primordial na dissolução dos conceitos ontológicos dos sujeitos. A contemporaneidade marcada pela diferença cultural sinaliza os acordes dos dissidentes, dando voz ao que nunca foi dito, aos que nunca foram ouvidos ou pronunciados. Assim, novos arranjos de *identificação* permitem compreender as quimeras da pós-modernidade.

A significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os “limites” epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes – são mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas (BHABHA, 1998, p.23-4).

Outro aspecto relevante da concepção de *identificação* aparece quando compreendemos o caráter mutável, transitório e inconstante das representações. Tomaz Tadeu da Silva (2009) assinala a existência de uma tríade que sustenta os sujeitos: diferença/identidade/representação, na qual esse composto estabiliza o sujeito através do reconhecimento de si. As formas de representação nessa concepção sustentariam as relações de poder existentes na diferença/identidade. Nessa argumentação, baseada em Butler, Silva afirma que a tríade – diferença/identidade/representação – sustentada pela diferença e propagada pela representação deve ser compreendida como performativa em sua estrutura.

O conceito de performatividade desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é – uma ênfase que é, de certa forma, mantida pelo conceito de representação – para a ideia de “tornar-se”, para uma concepção de identidade como movimento e transformação (SILVA, 2009, p.92).

Os *entre – lugares* performatizados simbolizam a ruptura dos valores hegemônicos, a fratura das identidades dominadoras e a busca de novos horizontes aos que se situam na condição de *diaspóricos* sexuais, raciais e até mesmo nacionais. O papel político dessas identificações que não se enquadram nos modelos hegemônicos, mas sim nas fronteiras, torna insustentável a enunciação dos produtos-sujeitos. Deste modo, a inquietude dos valores híbridos desestrutura politicamente e socialmente aqueles discursos que imperam sobre os sujeitos em forma de ‘dispositivos de controle’.

Sexualidades e corporalidades

No âmbito público e privado das identidades sexuais e de gênero, destacamos o performativo como ocasião ritualística do corpo. Judith Butler (2001) afirma que o sexo é a principal norma do corpo, norma essa que está enraizada nas relações de dominação, valoração hegemônica, falocentrismo e heteronormatividade. Assim, as formulações de Butler direcionam para um processo de naturalização dos corpos e das sexualidades, tornando os corpos vigiados por tecnologias performativas.

(...) o sexo não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir - demarcar, fazer, circular, diferenciar - os corpos que ela controla (BUTLER, 2001, p. 153-154).

A normatização do sexo em Butler se configura na permanência de práticas que consagram a heterossexualidade como caminho naturalizado (ritualizado). Existiria nessa perspectiva, uma linha coerente que sustenta a heterossexualidade. Assim, no processo regulatório da sexualidade, a materialização dos corpos se configuraria como ‘ideal regulatório’ foucaultiano. O corpo então estaria preso pelo discurso de sua própria materialidade.

Como destacou Berenice Bento (2006) com a nomeação e demarcação dos corpos, “(...) produz-se uma invocação performativa e, nesse momento, instala-se um conjunto de expectativas e suposições em torno desse corpo. É em torno dessas suposições e expectativas que se estruturam as performances de gênero” (BENTO, 2006, p.2). Com isso, os controles biotecnológicos e linguísticos instauram-se e, a partir desse momento, as performatividades heteronormativas são estabelecidas. “A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação de uma norma” (BUTLER, 2001, p.161).

A nomeação é a restrição dos espaços da experiência sexual e a afirmação do papel hegemônico da heterossexualidade. Mas o processo de estabelecimento das normas identitárias sexuais também acionam os *entre – lugares* das sexualidades dissidentes e patologizadas como desviantes – os homossexuais.

As marcas da nomeação vão se estabelecer no campo estético como objetivo primordial do reconhecer-se como: “Sou homem”. Assim como Butler, Louro (2004) afirma que as marcas corporais são marcas estabelecidas pelo poder de criar corpos governáveis. “Características dos corpos significados como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder” (p.76). Em relação aos corpos que não se enquadram nas normas binárias dos gêneros heterossexuais, Louro afirma que esse processo está diretamente ligado aos processos de diferenciação das identidades através das materialidades corporais.

As normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicá-lhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. Daí porque aqueles que escapam ou atravessam esses limites ficam marcados como corpos – e sujeitos – ilegítimos, imorais ou patológicos (LOURO, 2004, p.82).

A performatividade de gênero deve ser pensada não simplesmente como o ato de demonstração do que se é (homem/mulher), mas sim, como a execução do poder discursivo que governa os corpos. “A performatividade não é, assim, um ato singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas” (BUTLER, 2001, p. 167). As normas performativas também formalizam as barreiras do que se é aceitável no interior dos corpos, atribuindo a permanência nos moldes discursivos do corpo enquanto natural.

No campo das sexualidades, as normas reiteradas através das performatividades são atribuídas ao ideal binário e maniqueísta ocidental, homem/mulher ou heterossexual/homossexual. Desta forma, “A regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe com as hegemonias heterossexual, reprodutiva, médico-jurídica” (BUTLER, 2003, p.41).

O poder regulatório e produtivo inscrito nos corpos através do sexo performativo é reiterado pelas normas da estética e do comportamento, aprisionando os corpos no discurso da identidade hegemônica heteronormativa. As identidades sexuais neste contexto são cristalizadas por uma estética e um comportamento que tem como premissa a relação entre os gêneros masculinos e femininos inclusos na matriz heterossexual. O discurso hegemônico das identidades heterossexuais se reafirma por um mecanismo de naturalização das práticas sexuais asseguradas pelo dimorfismo sexual.

A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios são, sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) *marcas* de raça, de gênero, de etnia, até de classe e de nacionalidade (LOURO, 2004, p.75) (grifos do autor).

As normas coercitivas e regulatórias dos gêneros heterossexuais reiteram através das identidades sexuais as barreiras políticas, sociais e culturais que os corpos adquirem. Esse mecanismo de hierarquização além de posicionarem os papéis exercidos pelos sujeitos produz discursos disciplinadores contra aqueles que não estão inclusos nos moldes hegemônicos ou aceitáveis de identidade sexual.

No bojo das normatizações das sexualidades, os corpos moldados pelos discursos heteronormativos se constituem na negação da homossexualidade ou das práticas homoeróticas. “A partir do momento em que o heteronormativo está presente, as outras identidades são marginalizadas” (SANCHES; SANT’ANA, 2008, p. 5).

A configuração das diferenças pautada em identidade hegemônica e identidade deteriorada instauram um discurso regulatório binário, excluindo os sujeitos que não se enquadram nesse contexto identitário sexual heterossexual/homossexual.⁶ A produção da identidade sexual perpassa pela aceitação e negação de condutas e práticas culturais, portanto, a cristalização da heterossexualidade se dá no reconhecimento da existência homossexual para que logo após seja negada essa homossexualidade, é nesse processo identitário que o corpo assume diferenças hierarquizantes.

O ato construtivo da sexualidade enquanto poder regulatório já desestabiliza a ideia de igualdade entre os corpos, a teia cultural e social faz com que os sujeitos encontrem mecanismos de separação dos corpos a partir das limitações identitárias adquiridas através dos discursos. As ações performativas das identidades sexuais conformam os corpos como produtos marcados por um *construto* histórico e sócio-cultural. “Na relação corpo e sexualidade, as normas que produzem o poder são inseridas nos corpos como algo inexorável e inacessível, o corpo já nasce datado numa cultura e marcado pelo seu sexo” (SANCHES, 2009, p.3).

Performatividades e performances

As relações entre corpo, identidade, representação e sexualidade são entrelaçadas pelas performances sociais dos gêneros. O pressuposto da heterossexualidade torna o corpo objeto de apreciação estético-sexual, dessa forma, homens delineiam corpos nas academias para demonstrar potência sexual, mulheres se submetem a diversas cirurgias plásticas para alcançar os modelos de representação da sociedade de consumo.

Couto (2001) assinala que “O prazer em cuidar de si mesmo passa a ser visto como a estratégia primeira para ser e apropriar-se do mundo. Nesse universo, o jogo da aparência do corpo exhibe toda teatralidade contínua e onipresente” (p.43). Portanto, a aparência assume o caráter de mediação das relações sociais.

A aparência ligada aos gêneros produz barreiras e limites, mas os processos de transmutação dos corpos não se restringem à “matriz” heterossexual. As travestis, transexuais e transgêneros são representações dessa preocupação estética associada ao

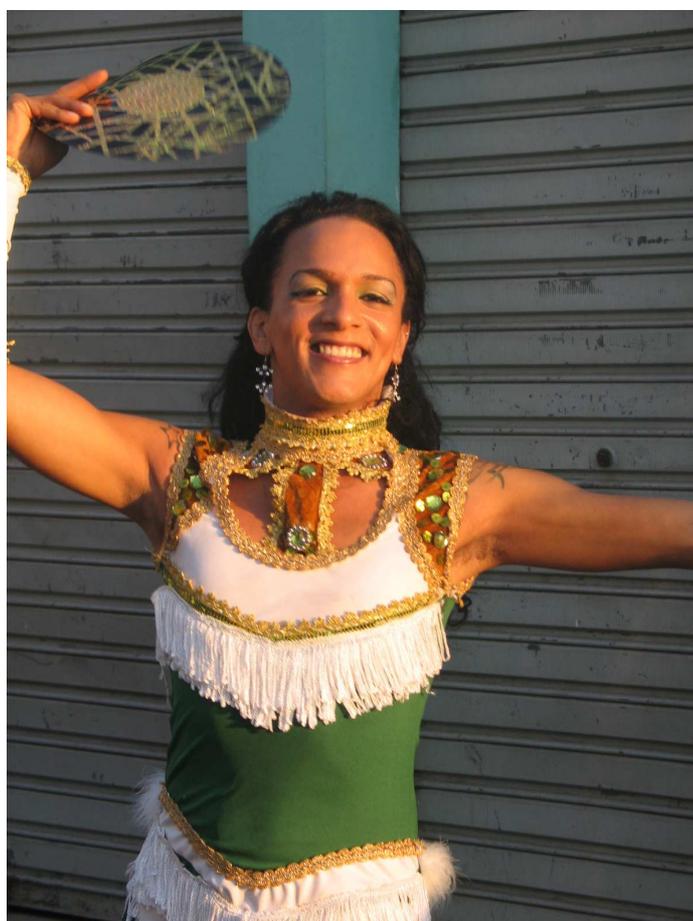
⁶ Em outro trabalho identifiquei uma hierarquia das identidades sexuais a partir do conceito de identidade deteriorada de Erving Goffman (1988). Ver SANCHES, Júlio César. Intersecções nas abjeções sexuais e raciais: o corpo e as identidades deterioradas. Caderno de resumos do 7º Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual – ENUDS. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

imaginário sexual. “A identidade de travesti está antes associada à fabricação de um novo corpo, do que às práticas e orientações sexuais” (BENEDETTI, 1997, p.6).

A estética e o comportamento do universo ‘trans’ permitem-nos relacionar a aparição desses corpos ao ato de performance, já que “na arte corporal e de *performance* a figura do artista é ferramenta da arte” (GLUSBERG, 2009, p.145). Desse modo, é possível afirmar que nas manifestações culturais da cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, as performances das balizas acrobáticas são compreendidas pelo público como objetos de arte e apreciação. Mas ao mesmo tempo elas ganham o caráter de performances reificadas de gênero.

Numa perspectiva artística e estética, o corpo travesti apresentado consagra a aparência a partir de artefatos que demarquem seu corpo como feminino, mas esse corpo travestido realizará uma paródia do feminino, demonstrando um caráter artificial, ou até mesmo exótico.

As roupas e toda sorte de acessórios (bijuterias, apliques, lentes, jóias, lingerie) são itens valorizados pelas travestis. Roupas com decotes ousados ou saias muito curtas e justas estão entre as peças prediletas, que podem ser compradas inclusive de outra “*mona*” (BENEDETTI, 1997, p.13).



No caso de Pâmela, a marcação social e simbólica de seu corpo está associada ao espetáculo do momento. Cores vibrantes, brincos, unhas pintadas, roupas coladas ao corpo, sapatilhas... Essas são as marcas de poder que são ostentadas através do seu corpo⁷, num processo enunciativo que transgredir normas performativas relacionadas aos gêneros. A representação política dessa performance (performativa) demonstra a capacidade de auto-produção de corpos. “As performances de gênero seriam ficções sociais impositivas, sedimentadas ao longo do tempo e que gerariam um conjunto de estilos corporais que aparecem como uma organização natural (e daí deriva seu caráter ficcional) dos corpos em sexos” (BENTO, 2006, p.4).



O caráter subversivo e paródico da apresentação demonstra o quanto é artificial e ficcional a aparência associada ao gênero. Na enunciação que burla os parâmetros das

⁷ George Simmel em seu texto *Psicologia do adorno* destaca a relação entre o corpo e os artefatos simbólicos que são utilizados para aparência. “O sentido do adorno reside em peculiares configurações destes movimentos, que entrosam a exterioridade e a interioridade das formas. Tal sentido visa, de facto, pôr em relevo a personalidade (...)” (SIMMEL, 2008, p.59).

identidades é possível entender que a experiência tem o papel fundamental na consolidação de representações políticas de sexualidade, gênero e raça.

A subjetividade do corpo se materializa em práticas desgovernadas e desviantes, mas que visam a contestação de valores e ideologias que mitificam os gêneros. Assim, as *identificações* dos sujeitos subalternizados pela lógica hegemônica da hierarquia se materializam como momento de enfrentamento político e representacional. A pergunta é: que corpo é esse? E como ele exerce política? Benedetti nos responde que:

É a experiência do corpo que percebe o mundo significante. Assim, uma determinada visão de mundo é incorporada e com ela todas as percepções e as práticas que lhe são correlatas. É sua identidade de gênero feminina (associada a seus *habitus* de classe, de geração, de religião, etc.) que, corporificada, organiza toda uma série de investimentos, comportamentos e sentimentos desses sujeitos (BENEDETTI, 1997, p.15).



A execução política da representação baseada numa lógica paródica se constitui como espetáculo e performance, localizado num corpo travesti que subverte as performatividades heteronormativas. Os corpos baseados numa enunciação política dos *entre – lugares*, como no caso de Pâmela, demonstram que nos espaços públicos os gêneros se articulam a partir de reiterações performativas. O momento de análise também nos fornece combustíveis que possibilitam o flerte e a paródia como enfrentamento social, cultural e político.

Na pós-modernidade, a paródia se constitui não somente numa possibilidade estética recorrente, mas numa forma mais efetiva de crítica, na medida em que implica, paradoxalmente, a identificação e o

distanciamento em relação ao objeto ou ao sujeito parodiado (LOURO, 2004, p.85-86)

O fato de uma travesti passar pelas ruas realizando performances (femininas) abre a discussão entre o papel público e privado dos gêneros e das sexualidades. Aquele corpo hibridizado pela aparência e pela carga intersubjetiva do gênero caminha em meio ao público – que como pressuposto é heterossexual – exibindo a *fronteira* como lugar de vivências e experiências, sejam elas identitárias ou estéticas. A relação estabelecida naquele momento foi de enaltecimento e estranheza, aquele corpo “estranho” inalava o poder produtivo de Foucault. O poder de produzir (auto-produzir) novas estéticas da existência e novos projetos de experiência estava em plena multidão reforçando a subversão da lógica dos gêneros, gêneros estes que são fabricados pelo discurso regulatório da heteronormatividade compulsória e são concebidos como “naturais”.



Pâmela, assim como o universo ‘trans’, simboliza a revelação dos espaços simbólicos que demarcam os gêneros. Os corpos trans fomentam saberes das fronteiras, fronteiras essas, que são demarcadas pela ação performativa do discurso. O corpo travesti demonstra o quão a performatividade associada à aparência torna os corpos intelegíveis. A aparência que ganha o caráter de naturalidade pode tornar-se uma

armadilha e tanto para aqueles que não conseguem ver a fragilidade das categorias sexuais e de gênero.

A aparência torna-se mais que um suporte da performatividade, ela é o ponto de mediação entre o ser e o mundo percebido e vivenciado pelas experiências adquiridas. Com isso, compreendemos que a aparência possui o caráter formativo do corpo e, performativo, das identidades sexuais.

Se por um lado, a articulação vestimentar dá conta de uma dimensão *formal*, ou seja, age através das determinações sociais, sexuais, etc., por outro lado, ela reafirma sua dimensão *formante*, nos oferecendo, assim, um perfil sensível e metafórico de uma trajetória pessoal, estilizando-a num personagem social, inscrito numa ambiência particular (CIDREIRA, 2005, p. 136) (grifo do autor).

Com isso, as performances sociais são os produtos de gêneros que abrem espaços para adquirir novas concepções e novas formas de subversão da cultura.

(re) Considerações

A pós-modernidade é marcada pela contestação de valores hegemônicos. As identidades tornam-se conflituosas; o deslocamento é tema central dos debates sociológicos contemporâneos. No campo da sexualidade, essa contestação é apresentada socialmente através da aparência. Masculinidades e Feminilidades são construídas e exacerbadas para assegurar a heterossexualidade como norma.

Categorias sexuais são negociadas a partir do binário, mas o cenário também demonstra as vivências de corpos que não se conformam com as práticas regulatórias da sexualidade. A eles são datados o queer, o estranho em língua portuguesa, como espaço da subversão como política de enfrentamento social.

No jogo das identidades de gênero o subjetivo torna-se elemento primordial para mediar construções corporais e estéticas. Para se estabelecer na lógica da contra-hegemonia é necessário estar no *Theatrum mundi* das performatividades de gênero social. O apresentar-se dos gêneros é o fruto principal para a permanência das rotinas de opressão heteronormativa e falocêntrica da cultura ocidental.

A sexualidade transgressora se estabelece numa lógica que visa o flerte com a norma. Travestis, transexuais e transgêneros tornam-se sujeitos que transmitem o caráter de artificialidade do corpo em sexualidade. Esses sujeitos demonstram a ficção do gênero como suporte da paródia que revelaria a inexistência de fronteiras entre os gêneros.

Destacar a estética e a performatividade como ficções do gênero é declarar o aspecto cultural das relações de poder que envolvem as sexualidades, sejam elas normatizadas ou subversivas – dos valores hegemônicos. O fator primordial para a compreensão desse fenômeno reside na perspectiva do campo da experiência como elemento fundamental para a aquisição dos *gêneros, desejos e práticas*.

Assim, como os sujeitos políticos do universo ‘trans’, estamos todos envolvidos numa malha produtiva de corpos que se conformam com as normas. Mas diferentes de todos nós, o ‘trans’ subverte o jogo das identidades de gênero e exacerba o caráter artificial do corpo. Desviar da rota impositiva da heterossexualidade é o que o universo ‘trans’ nos permite perceber. Parodiar, flertar com os gêneros, viver na fronteira essas são as características dos corpos hibridizados na estética e no gênero. Romper com as normas do imperativo sexista dicotômico e celebrar a mobilidade e dinâmica do corpo é escancarar a fabricação em massa de corpos dóceis.

A experiência de um corpo “estranho” que propaga valores políticos através de sua aparência ressalta o caráter ambíguo da travestilidade. Corpo *masculino*, estética e comportamento de *Mulher*, características que apresentam a fragilidade das categorias de gênero. Performatividades transgressoras, risos reiterativos, gritos de glória ou xingamento... Essas são as percepções que divergem.

Referências Bibliográficas

BIÃO, Armindo. “Etnocenologia, uma introdução”. In: GREINER, Christine & BIÃO, Armindo (orgs). Etnocenologia. Textos selecionados. São Paulo: Annablume, 1999.

BENEDETTI, Marcos Renato. “Toda feita”: Gênero e identidade no corpo travesti. Trabalho apresentado no GT “Corpo, Salud y Dolência” na II Reunión de Antropología Del Mercosur, Piriápolis, novembro de 1997.

BENTO, Berenice. *Corpos e próteses: dos limites discursivos do morfismo*. Trabalho apresentado no seminário Fazendo gênero7, 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/Berenice_Bento_16.pdf - capturado em 30 de Novembro de 2009.

BHABHA, Homi K. O compromisso com a teoria. In: O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.151-172.

CIDREIRA, Renata Pitombo. Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura. São Paulo: Annablume, 2005.

COUTO, Edvaldo Souza. Estética corporal e protecionismo técnico nas culturas higienistas e desportivas. In: GRANDO, José Carlos (org.) A desconstrução do corpo. Blumenau: EDIFURB, 2001.

GLUSBERG, Jorge. A arte da performance. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 103-130.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. No fundo das aparências: por uma ética da estética. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANCHES, Julio César. Corpos (des) feitos e identidades (des) construídas: a estética e o comportamento não heteronormativo. In: cadernos de programação e resumos do I Seminário Enlaçando Sexualidades. Salvador: EDUNEB, 2009.

SANCHES, Júlio César. SANT'ANA, Tiago. *Deixa ousada até a mais santinha!* Uma análise das propagandas do desodorante Axe. Trabalho apresentado no I EBECULT – Encontro Baiano de Estudos em Cultura, realizado nos dias 11 e 12 de dezembro de 2008. Salvador: UFBA, 2008 CD-ROM.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 11-30, janeiro-abril, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.73-101.